

Em defesa do choque

A economista Zélia Cardoso de Mello tem razão ao mencionar a dificuldade de identificar-se o que é poupança e o que é moeda na massa de recursos que financia a dívida pública. De fato é impossível separar-se uma coisa da outra, mas por isso, por força dessa dificuldade, o governo continuará remunerando moeda? Isto não existe em lugar algum do mundo, salvo no Brasil. E isto responde por enorme parte da resistência da inflação.

Receamos que só tardiamente a principal assessora de Collor venha a se dar conta de que a existência de moeda remunerada é incompatível com qualquer política antiinflacionária de curto prazo e de que uma ação de curto prazo é essencial à ruptura da dinâmica inflacionária. Se só tardiamente ela o perceber, a tarefa da estabilização terá se tornado muito mais difícil.

Entendemos que a sociedade — pelas instituições que em nome dela se manifestam — deveria dinamizar a discussão do problema com o objetivo de reduzir as possibilidades de erro na nova investida contra a inflação que o País empreenderá a partir de março. Não se trata de questionar a qualificação da equipe liderada pela economista Zélia Cardoso de Mello, mas de considerar que este problema é muito complexo, muitíssimo sério, e os riscos inerentes a eventual erro são graves demais para que se possa abrir mão do concurso de outras correntes do pensamento econômico existentes no País. Não há opinião consensual sobre a forma de enfrentar-se a inflação

nas economias em desenvolvimento, como o vêm provando as experiências argentina e brasileira. Também se tem visto que as políticas ortodoxas e heterodoxas que se alternam em cada um dos países têm sido infrutíferas. Parece claro, portanto, que se deve tentar uma combinação de ambas para isso devendo-se recorrer à contribuição do espectro mais amplo possível de opiniões.

A esta altura, e à vista dos imensos riscos a que a inflação nos expõe, também não temos dúvida de que o seu tratamento deverá ser impactual. A equipe do governo Collor parece inclinada a rejeitar essa tática optando pelo gradualismo. É um risco alto que vai correr. A sociedade brasileira já incorporou a cultura inflacionária. A inflação no Brasil já produziu um efeito perverso, o de apresentar-se em pele de cordeiro. A correção monetária dos salários e da moeda é que gera essa anomalia psicológica. Para vencê-la, vencendo as resistências estabelecidas, só o choque. Não se deve temer as perdas que um ou outro possa ter. Terá de ser assim ou todos continuaremos perdendo cada vez mais.

O cancelamento da remuneração da moeda é um passo traumático sem dúvida, mas sem ele os recursos continuarão ociosos, a produção continuará tímida e, sobretudo, a psicologia inflacionária permanecerá ativa. Esse é o mecanismo através do qual o governo baixará o estoque da dívida. Se pretender fazê-lo por via fiscal vai demorar tanto tempo que, afinal, não conseguirá.